

# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

## PESQUISADORA DEFENDE PARCERIAS



Angela Maria Martins: através das parcerias entre o poder público e a sociedade, o nível da educação pode melhorar.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

*Dizer que a educação no Brasil está democratizada ainda é muito precipitado, uma vez que democratizar o ensino não é apenas oferecer vagas, mas também manter as crianças nas escolas. Além disso, o ensino médio e o ensino técnico e profissional ainda não estão ao alcance da grande maioria dos jovens. Sem falar do ensino superior, que embora esteja em amplo crescimento, ainda está aquém da necessidade da população. Também não podemos esquecer da qualidade do ensino, que com a intenção da universalização da educação, ficou bastante duvidosa. Nesta entrevista, Angela Maria Martins, educadora e também pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, fala destes problemas enfrentados pela educação na tentativa de democratização do ensino e sobre os mecanismos de gestão democrática das escolas. A pesquisadora fala ainda do enraizamento do autoritarismo existente, que ainda impede a disseminação da democratização, não apenas na educação, mas na sociedade em geral.*

**FOLHA DIRIGIDA** – O Brasil pode ser considerado um país democrático mesmo com um número tão grande de analfabetos?

**ANGELA MARIA MARTINS** – Um país federativo como o Brasil, que apresenta desigualdades regionais intensas, enfrenta questões complexas no que diz respeito às possibilidades e limites para que as políticas de educação sejam bem sucedidas. Os problemas que permeiam o sistema educacional no Brasil têm sido exaustivamente analisados e difundidos: 96% das crianças estão no ensino fundamental, mas sua qualidade é discutível. Segundo dados do próprio MEC, na faixa etária de 10 a 19 anos, 7,4% são analfabetos e 35% dos analfabetos já freqüentaram a escola, o que nos leva ao debate não apenas sobre o acesso (que não está universalizado), mas particularmente sobre as impossibilidades de permanência de crianças e jovens nessa escola de qualidade duvidosa. O ensino médio e o ensino técnico e profissional ainda não estão ao alcance da grande maioria dos jovens que poderiam dele se beneficiar; o ensino superior vem sendo sistematicamente ampliado, po-



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

rém, sua qualidade também é discutível, isso sem contar que o sistema federal, embora dotado de grande competência, enfrenta restrições imensas, tanto de financiamento quanto de autonomia. Para superar tantos limites seria necessário que as diferentes esferas executivas - federal, estadual e municipal -, articulassem esforços na busca de encaminhar soluções que pudessem, no menor espaço de tempo possível, encontrar saídas a problemas tão candentes. Portanto, a democratização do ensino somente será possível quando todas as crianças e jovens estiverem na escola e nela permanecerem, adquirindo conhecimentos e construindo posturas e valores democráticos.

**FOLHA DIRIGIDA** – Os mecanismos de gestão democrática dos sistemas de ensino e das escolas funcionam?

**ANGELA MARIA MARTINS** – A defesa de instauração de mecanismos de gestão democrática dos sistemas de ensino e das escolas consolidou-se desde fins do regime militar. De certa forma, praticamente, toda a legislação brasileira está baseada em princípios democráticos. Porém, da intenção à realidade a distância é longa! Não que esses mecanismos – conselhos municipais, conselhos fiscais, conselhos escolares –, não tenham sido consolidados nas diretrizes legais dos sistemas estaduais e municipais. O problema são as dificuldades para que de fato funcionem democraticamente, isto é, não há democracia instituída por decretos, resoluções, leis e portarias. A democracia se consolida apenas na prática de cidadãos conscientes de seu papel social e político e isso ainda estamos longe de alcançar, infelizmente. No que diz respeito, por exemplo, ao chamamento de pais e alunos para participação nos órgãos colegiados das escolas, isso ocorre para o bem e para o mal. De um lado, possibilita aos pais que fiquem sabendo o que fazem com seu filho na escola. Pode facilitar a cobrança sobre a qualidade do ensino, sobre as relações no ambiente escolar, pode diminuir a violência praticada, muitas vezes, pela própria comunidade que está em torno da escola. De outro lado, cada vez, os pais têm sido chamados para participar de processos de arrecadação de fundos, seja através das tradicionais festinhas escolares, seja através de campanhas mesmo, destinadas a essa finalidade. Quanto mais o Estado se retrai nos investimentos sociais, mais aumenta essa demanda sobre as comunidades para que resolvam seus próprios problemas. Existem escolas localizadas em bairros cujos pais têm situação socioeconômica um pouco mais privilegiada, com tempo, inclusive, tanto para participar de reuniões peda-



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

gógicas, quanto para organizar festas. Mas há escolas, ao mesmo tempo, localizadas em regiões absolutamente carentes, cujas famílias passam por processos de desintegração social, sem tempo, sem condições e, portanto sem participação. Se o poder público espera preencher a ausência de recursos com base nessa capacidade heterogênea de participação e arrecadação, então teremos escolas completamente desiguais dentro de uma mesma rede e isso não é democrático. Portanto, o ideal seria que o chamamento para participação de pais e alunos nos mecanismos de gestão das escolas pudesse vir acompanhado de projetos palpáveis de recuperação da qualidade do ensino, com a responsabilidade clara do setor público. Não tenho nada contra as parcerias, acho que elas são necessárias no atual contexto, porém, é necessário que a parceria não se limite ao “você fazem e nós fiscalizamos.”

**FOLHA DIRIGIDA** – Como as novas tecnologias poderão contribuir para a democratização da educação? Já se chegou ao formato ideal do uso das ferramentas tecnológicas no contexto educacional?

**ANGELA MARIA MARTINS** – O uso de novas tecnologias pode facilitar a conquista de aprendizagem mas não pode ser um fim em si mesmo! Se os recursos tecnológicos forem utilizados como instrumentos, mediados por professores bem formados e preparados para isso, sem dúvida, pode facilitar aos alunos a conquista de conhecimentos. Mas como todo recurso tecnológico, depende do uso que se faz dele e com que intenção, sem esse profissional preparado adequadamente para usar esses recursos, não há possibilidade dele saber fazer a mediação necessária com os alunos. A educação a distância, que tem sido cada vez mais defendida e utilizada no que diz respeito à formação de professores (inicial e continuada), deve ser vista com cautela no que diz respeito às possibilidades de formação, pois dependerá, sempre, dos mediadores que interagem com esses recursos. As vozes que saem em sua defesa assinalam o tamanho continental do país, o déficit de formação dos professores. Mas, deve haver formas de acompanhamento e avaliação permanentes e diferentes dos usuais, nos processos de utilização dessas modalidades de formação. Experiências razoavelmente cercadas de todo o cuidado como o programa Um Salto para o Futuro, abriram algumas possibilidades de formação continuada na educação a distância, cujos resultados deveriam ser melhor explorados visando a consolidação de ações nesse sentido.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 5

**FOLHA DIRIGIDA** – Fale um pouco sobre os projetos e pesquisas desenvolvidas na área de gestão democrática pela Fundação Carlos Chagas.

**ANGELA MARIA MARTINS** – A Fundação Carlos Chagas tem uma tradição em pesquisa na área de avaliação de políticas de educação e questões que envolvem a gestão de sistemas de ensino. Alguns desses estudos analisaram a agenda de governo para a área (diretrizes legais e normativas), e também sua implementação (como essa agenda é operacionalizada nas redes de ensino e de escolas). Há estudos sobre municipalização do ensino, que foram, num primeiro momento feitos por Elba Siqueira de Sá Barretto e, recentemente, por mim. Uma de minhas preocupações centrais têm sido a de analisar as questões que envolvem a tão propalada autonomia na gestão da escola. Atualmente, participo de uma pesquisa sobre a construção de um novo perfil para o ensino médio, da qual fazem parte Dagmar Zibas, pesquisadora da Fundação e Maria Sylvia Simões Bueno, da Unesp/Marília. Esse estudo está analisando, dentre outros aspectos, questões relacionadas à especificidade da gestão pedagógica de escolas técnicas de nível médio. Coordeno, também, na Universidade Católica de Santos, no Programa de Mestrado em Educação, pesquisa sobre as peculiaridades que permeiam as dinâmicas da gestão escolar na rede pública de ensino, tanto nos seus aspectos administrativos quanto nos pedagógicos. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,  
em outubro de 2005, à Jussara Santos.